

Problemas pecuarios do Nordeste

Prof. OCTAVIO DOMINGUES

Catedrático de Zootecnia da Escola
Nacional de Agronomia

Acabo de ler no "Diario de Pernambuco", de 2 de agosto (1942), uma interessante reportagem sôbre as atividades do govêrno paraibano, no sector da agricultura, e deparo com a alviçareira noticia de que, em Soledade, está sendo instalada "uma grande fazenda de criação de caprinos e ovinos", para a qual foram adquiridas *ovelhas deslanadas vermelhas* e *cabras da raça Moxotó*. A administração daquele Estado está de parabens por essa iniciativa das mais louvaveis, no terreno da pecuaria nordestina. Essas duas formas étnicas, que surgiram no meio dos rebanhos de ovinos e caprinos nativos, são na verdade dignas de um trabalho de seleção.

Na primeira viagem que fiz ao Nordeste, em 1937, o dr. Renato Farias, diretor da Produção Animal nesse Estado, chamou a minha atenção para umas cabras de pelagem muito característica notavel pela sua fixidez, e que êle encontrara, em grande abundância, no vale do rio Moxotó, daí o nome que lhes dera. Percorrendo então e depois (1940-1941) a Paraíba, o Ceará e o Piauí, o Maranhão, pequeno trecho de Alagoas e R. G. do Norte tive o prazer de verificar a ocorrência dêsses caprinos, no sertão de todos êsses Estados, bem como no próprio vale do Moxotó. Posso, pois, atestar com provas fotográficas, a enorme extensão de sua área geográfica. Certo, não se trata de uma cabra excepcional, superior

às demais formas étnicas comuns no sertão. Ela, realmente, não é nem mais leiteira, nem mais precoce do que as outras. Apresenta porém umas características notáveis de pelagem: 1) por ser bem distinta e sempre a mesma; 2) pela sua acentuada fixidez, transmitindo-se em bloco todas as particularidades dessa pelagem curiosa. Constitue pois, um tipo étnico que se acha à espera dos cuidados de um melhorista.

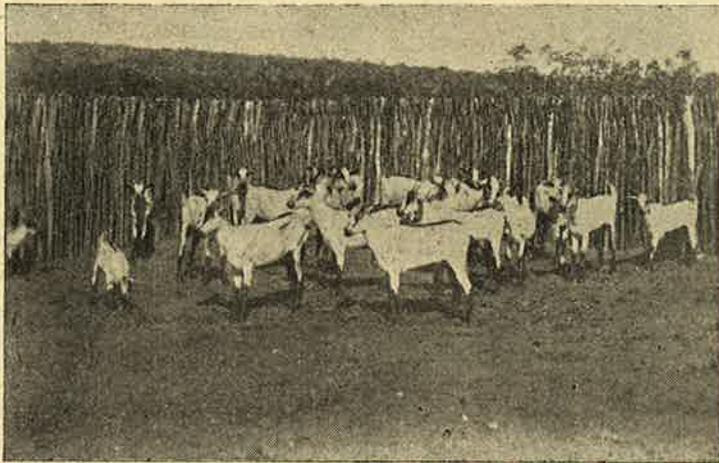


Fig. 1 -- Belo lote de cabras de raça Moxotó, que estão servindo para iniciar uma seleção racional, na Estação Experimental de Pendencia, Paraíba, sob a direção de Carlos Faria, técnico da Secretaria da Agricultura daquele Estado.

O carneiro deslanado vermelho se me afigura outra forma étnica, esta mais digna ainda de um trabalho de seleção, porque êsse ovino é o resultado de uma adaptação feliz e vitoriosa da espécie, nesse meio impróprio para a produção de lã. Em vez de lã, ele dá uma pele de qualidades excepcionais, que os importadores americanos estão chamando de "cabreta", supondo-a produzida por um híbrido de Carneiro e Cabra (híbrido, aliás inexistente). Em meu trabalho "*A Pecuária Cearense e seu Melhoramento*", recentemente publicado, tive a melhor oportunidade de me referir a êsse assunto tão atraente quanto importante, e minhas expressões foram as seguintes:

“O homem mostra-se inteligente, não é lutando contra as condições naturais, porém, sim, obedecendo-as e servindo-se delas para seu proveito, transformando-as em auxiliares para suas realizações. Produzir lã, no sertão do Nordeste, será até certo ponto contrariar a sugestão do meio ambiente, quando provocou aquela adaptação feliz dos ovinos, despidos da indumentária protetora, contra o clima das regiões tem-

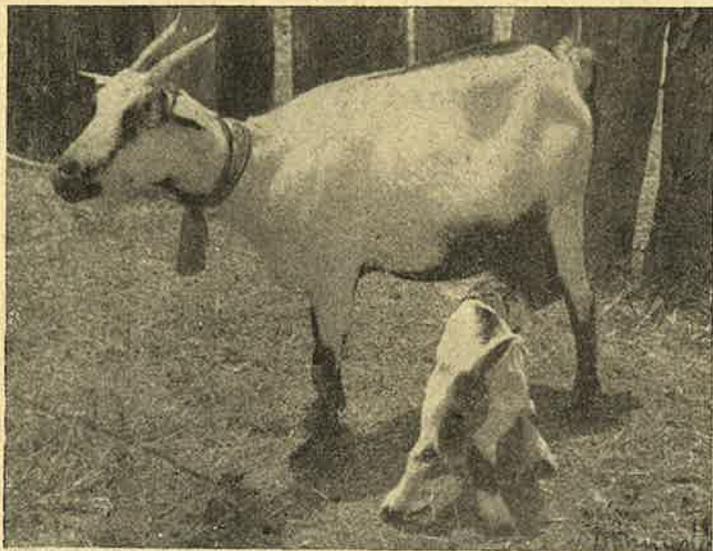


Fig. 2 — Cabra de raça lombo preto “ou Mboxotó”, do rebanho em seleção no campo de criação, do Estado de Pernambuco, em Rio Branco.

peradas e frias, onde viviam e foram melhorados. O carneiro deslanado, do Nordeste sêco e quente, é uma vitória da espécie sôbre a ambiência, que se mostra contrária ao desenvolvimento lanoso dos ovinos. Devemos, pois, aproveitar essa adaptação feliz e preciosa. Tal adaptação verificou-se por evidente desnecessidade dessa camada lanuginosa, que de protetora passava a prejudicial, ou pelo menos a incômoda ou embaraçante. Daí a diminuição sensível de lã, nos descendentes dos carneiros introduzidos, diminuição que chegou até seu desaparecimento. Por isso os carneiros sertanejos, do

Nordeste, são de lã curta e grosseira ou sem lã nenhuma. O que se tem a fazer é, por certo, a seleção destes últimos, e a eliminação daqueles.” (Pg. 117).

Todavia devo esclarecer aqui que o Carneiro deslanado do Nordeste não teve aquela origem a que parece querer referir-se J. N. B. Zany, quando escreveu recentemente: “Para não citar muitos casos, veremos o carneiro inglês que perdeu

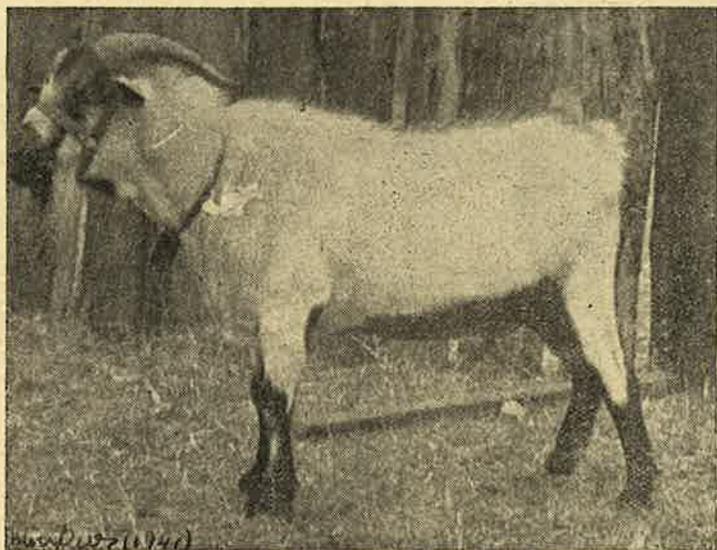


Fig. 3 — Bode da raça lombo preto” ou Moxotó do rebanho em seleção no campo de criação, do Estado de Pernambuco, em Rio Branco.

a lã no nordeste e o carneiro espanhol que a teve aumentada na Inglaterra” (1). Ora, o que sei dos Carneiros nordestinos comuns e de lã curta e ordinária ou deslanados, é que eles se filiam ao Carneiro Bordaleiro, de Portugal, cuja lã já é de qualidade inferior. Leiamos o que disse o prof. Athanassof: “Os ovinos, que encontramos no Sertão e na zona do Centro não são mais que o carneiro bordaleiro *grosseiro*, da raça comum, que existe em vários pontos de Portugal e que aqui aportaram naturalmente desde os tempos do Brasil colônia” (2). Não houve, pois, propriamente aquela passagem de car-

neiros ingleses ultralanudos para carneiros nordestinos deslanados.

A denominação de Carneiros deslanados de Morada Nova, que lhes dei, provém do fato de ter deparado, em Morada Nova (Ceará) com a maior concentração deles. Na verdade os rebanhos mais belos, com mais alta porcentagem de deslanados típicos foi ali que os vi. Posteriormente fui informado de que as primeiras ovelhas vermelhas haviam sido trazidas para Morada Nova, do município de Riacho do Sangue.

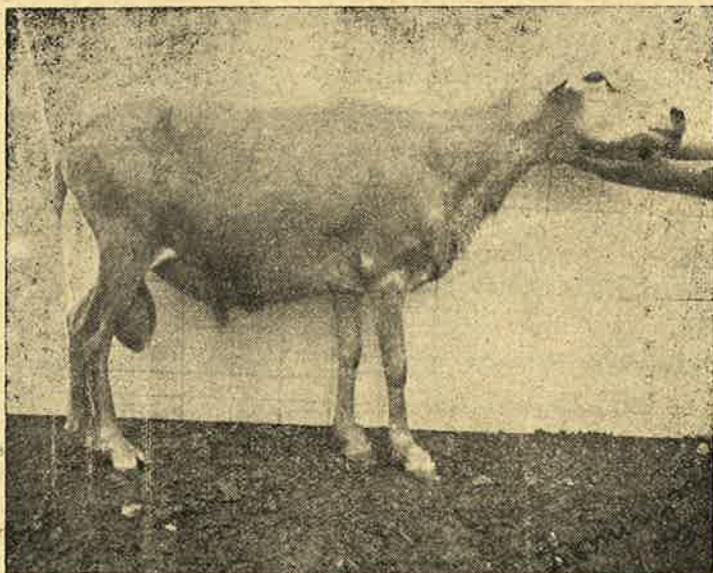


Fig. 4 — Carneiro deslanado “Morada Nova”; mocho vermelho — Município de Morada Nova Ceará. Notar a extremidade branca da cauda, característica da raça.

Além da pelagem vermelha há a branca e ainda a manchada ou pintada de vermelho. Os vermelhos, salvo observação mais detida em contrário, são os que se mostram mais desenvolvidos e mais bem conformados — e êsses são os de Morada Nova. As ovelhas são todas mochas, os machos (os carneiros) ora são providos de chifres, ora também mochos (sem chifres).

Minha primeira verificação foi que os machos dos rebanhos, muito raramente, eram deslanados como as ovelhas. Provavelmente a ideia de que a lã é o característico da espécie "lanígera", talvez tenha determinado essa preferência pelos machos lanudos (providos de uma lã curta e muito grosseira). Tendo chamado a atenção dos criadores, para a necessidade de uma seleção desses "lanígeros sem lã", tive a satisfação de verificar em 1940 quasi o abandono dessa prática em Morada Nova. Isto é, o rebanho de ovelhas era então servido por machos deslanados e sem chifres (mochos).

Vem agora a pergunta: Por que então não dar aos rebanhos de caprinos e de ovinos, dessa região, uma homogeneidade vantajosa, fazendo a seleção da Cabra Moxotó e do Carneiro de Morada Nova? Espalhados por todos os recantos do Nordeste (a cabra de "lombo preto" encontrei-a até à margem da cachoeira de Paulo Afonso), nada mais fácil do que iniciar-se, desde logo, uma seleção massal, dessas duas formas étnicas, nos estabelecimentos oficiais — federais e estaduais. E mesmo despertando a iniciativa particular que, em tais casos, se não se mostra muito maleável, todavia não responde com indiferença a uma propaganda metódica, sobretudo idônea e autorizada. Esperar apenas que o sertanejo siga o exemplo do governo seria reduzir a muito pouco o rendimento do trabalho, dos técnicos oficiais. É preciso ir em sua própria casa catequisá-lo para essa obra, que deve ser considerada de patriotismo também. Eu mesmo verifiquei, que o nosso homem do interior se deixa muito sugestionar ao contacto de quem vem de fora, para lhe trazer uma palavra de estímulo e ensinamento no seu trabalho, desde que se saiba compreender sua atividade, e descobrir a razão de seus erros oriundos, na maioria das vezes, de fatores não individuais, não dele mesmo. Dizendo isso desejo lembrar a necessidade de se organizar um plano de trabalho, em moldes amplos, constando de uma parte experimental (seleção e cruzamento), e de uma parte de propaganda intensiva, em torno das vantagens de se procurar selecionar essas duas esplêndidas formas animais (além de outras a estudar e a escolher).

Em falta disso vamos bater palmas a essa iniciativa do governo paraibano. Vamos bater palmas também ao trabalho já iniciado, de seleção da Moxotó, no Campo de Criação, de Rio Branco, onde a Toggenburg não quis prosperar; e ao plano de cruzamento entre a ovelha deslanada e o carneiro Shropshire, para aliar a adaptação vitoriosa ao meio (daquela) com a conformação mais apropriada para carne (dêste) — ambas essas iniciativas já do atual governo pernambucano.

Escola Nacional de Agronomia, agosto de 1942.

UM LIVRO

vale muitas vezes mais do que a
E S C O L A
como meio de instrução e ilustração

E aqui estão DOIS livros para torná-lo

um agronomo competente
um criador culto
um estudante adiantado

“À MARGEM DA ZOOTECNIA”

“A Pecuária Cearense e seu Melhoramento”

PELO PROF. OCTAVIO DOMINGUES

Pedidos -

EM PIRACICABA “Revista de Agricultura”
EM SÃO PAULO “Chacaras e Quintais”
NO RIO DE JANEIRO Gustavo Sampaio 111,
ap. 402